

Isabela Figueiredo

**Sublime Código da Insubmissão —  
Diário em Curso  
Terceira Insubmissão, Dia 3**



Residência literária

VII Conferência Internacional José Saramago  
"A herança filosófica e sociopolítica de José Saramago"

Disse à Egídia Souto que após o texto violento sobre as pinturas de Graça Morais, ontem, gostaria de escrever com doçura. Pensei seguir a ideia de José Saramago em “A Mais Grande Flor do Mundo”. Tal como ele, começaria por declarar que não sei escrever histórias para crianças, mas se soubesse gostaria de narrar a que mais me marcou na infância: “O Lobo Meu Amigo.” É a história de um menino que ajuda o lobo mau que aparece na aldeia com um espinho cravado na pata. Tornam-se grandes amigos, passam o tempo na companhia um do outro. andando por todo o lado na floresta, fazendo uh-uh para assustar os que merecem ser assustados. Amo o lobo e o menino e sei que terei saudades deles no dia da minha morte, tema da mesa da Egídia a que assisti hoje. Esse dia que será um belo dia, embora “O Lobo Meu Amigo” fique deste lado.

Pensei reescrever a história com final diferente, apropriando-me dela artisticamente num à propos. Seria uma história assumidamente sobre a leitura de uma outra história. Eu amo os lobos, que são o lado negro dos cães. Sem os lobos não existiriam os enormes cães olorosos que pude beijar no focinho perto da casa onde tenho dormido em Mondariz. Que beijarei de novo, e com os quais dormiria na mesma cama, enrolada no seu calor.

Mas não tenho o livro comigo. Procurei na internet e apenas encontrei a capa. Precitaria do texto e das imagens. Por esse motivo, quero deixar hoje registado um excerto do meu próximo livro que estará nas livrarias em Portual a partir de dia 9 de Novembro. Chama-se um “Um cão no Meio do Caminho” e inspira-se nesse livro que li aos seis anos de idade.

É tudo o que tenho a dizer por hoje.

“Num domingo em que pude ficar na cama até mais tarde, na sonolência que antecede o momento de acordar, tive uma visão da nossa família. Não foi um sonho, porque já estava consciente, embora entorpecido. Eu era uma árvore de carne. Do meu peito saíam dois troncos: o da minha mãe e o do meu pai, separados. As folhas que revestiam os ramos desses troncos eram fotos de um e de outro, ilustrando os momentos da vida que me haviam contado ou que me lembrava de termos vivido. O tronco que saía da minha cabeça era o Cristo. (1) As folhas desse tronco eram de veludo, macias como cabeças de bebé. Os quatro formávamos a mesma árvore de carne. Os nossos sangues corriam misturados pelas veias do meu corpo de nós quatro. A seiva da árvore era sangue, porque ela era de carne. Os nossos corações batiam em sincronia, e nada nos distinguia.

A partir desse dia, eu e o meu cão sermos um só tornou-se uma fantasia que gostava de seguir. Pensava muitas vezes que os seres não deviam poder escolher a espécie dos seus filhos. Porque é que uma pessoa não podia ser um gato como nas histórias infantis? A mãe coelha, os meninos gansos, o lobo que protegia a menina. Eu gostaria de ser esse lobo que dormia enroscado com os outros da minha matilha, como eu com o Cristo. A vida não tinha de ser mais do que isso. A minha mãe podia ter gerado um lobo e não um rapaz. Estaria certo. Havia de ser engraçado uma mulher ter um filho lobo a crescer dentro da barriga, a esticar as patinhas, a dar pontapés de lobinho. Havia de ser bonito pari-lo de surpresa, “olhem, que engraçado, tive um lobo!” Depois dar-lhe de mamar e ele adormecer a sugar o leite das maminhas, como fazem todos os bebés, humanos ou não. Mostrar às outras pessoas, “está a ver os pelos do focinho do meu filho, tão macios?”

Uma urso poderia parir uma menina e criá-la. Seria uma menina urso. Uma família poderia gerar uma égua. O problema seria com as cobras e os crocodilos. Quem os quereria? A desgraça que haveria de ser uma mãe dar à luz um crocodilo. Ou talvez não. Poderia ser um mundo diferente no qual se tivesse perdido o medo dos répteis. Se calhar até diriam, “ai, que crocodilo tão pequitinho que a senhora teve! Que mimo de bebé já com os dentinhos todos.” E sorria sozinho com a ironia do pensamento. Se contasse isto a alguém haviam de troçar de mim.

Quanto mais me debruçava sobre o assunto, mais considerava que o mundo das histórias da infância era o que estava certo. Para haver justiça entre as espécies que habitam a Terra não poderíamos escolher quem a ela traríamos. Se assim fosse, pensava, respeitaríamos os animais como respeitamos as pessoas, porque tinham saído de nós, porque nas suas veias corria o nosso sangue. Não os prenderíamos a uma estaca com uma corrente de um metro e meio, não os enjaularíamos, não os mataríamos à pancada na cabeça, como aos porcos no matadouro. Não nos incomodaria que andassem à solta na rua, porque podem morder, tal como não andamos obcecados com o pensamento de que haja malucos lá fora, e eles passam por nós todos os dias. Quando não tinha nada que fazer ficava deitado com o olhar no vazio, imaginando esse mundo maravilhoso.”

1) Cristo, nome do cão da personagem.



Imagem: Cortesia do Grupo Leya

A escritora Isabela Figueiredo realiza uma residência literária na I Cátedra Internacional José Saramago por ocasião da nossa VII Conferência Internacional José Saramago. A autora de *Caderno de Memórias Coloniais*, obra internacionalmente conceituada, criará uma série de textos, em forma de diário, a partir de diversas temáticas relacionadas com as atividades da VII Conferência, com o título "**O sublime código da insubmissão**". Estes textos serão distribuídos e publicados durante os dias da Conferência.

**Isabela Figueiredo** nasceu em Lourenço Marques, Moçambique, e veio para Portugal em 1975 na condição de retornada. Foi viver com a avó, ficando separada dos seus pais, que ficaram em Moçambique, durante 10 anos. O seu pai era electricista. Isabela Figueiredo é licenciada em Línguas e Literaturas Lusófonas pela Universidade Nova de Lisboa e possui uma especialização em Estudos de Género pela Universidade Aberta de Lisboa. Publicou seus primeiros textos em 1983 no *DN Jovem*, suplemento já extinto do *Diário de Notícias*. Em 1988 ganhou seu primeiro prémio na Mostra Portuguesa de Artes e Ideias com a obra publicada sob o nome de Isabel Almeida Santos: *Conto é Como Quem Diz*. A autora trabalhou como jornalista no *Diário de Notícias* entre 1989 e 1994 e também como professora de Ensino Médio na Margem Sul de Lisboa entre 1985 e 2014. Em 2009, publicou a obra autobiográfica *Caderno de Memórias Coloniais* a qual foi eleita em 2010 como uma das obras mais relevantes da década pela escritora Maria da Conceição Caleiro e pelo ensaísta Gustavo Rubim no especial publicado pela revista de cultura *Ípsilon* (suplemento de artes do jornal Público). Ainda em 2010, recebeu o prémio de melhor livro do ano com *Caderno de Memórias Coloniais*. Seu romance *A Gorda* (2016) foi considerado um dos dez melhores livros de 2016 pela revista online *Espalha-Factos* e venceu o Prémio Literário Urbano Tavares Rodrigues de 2017.

Edição: I Cátedra Internacional José Saramago, Universidade de Vigo, 2022.

Imagem da capa: Gertrude Purtscher-Kallab, excerto da capa de Leo Wied: *Uoni - Bruder der Wölfe*, Wien/Heidelberg: Carl Ueberreuter 1948.

Texto: © Isabela Figueiredo

